

A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NA OBRA *RIOS E BARRANCOS DO ACRE* E HISTÓRIA DE VIDA DE DONA RAIMUNDA ALVES: «DONA DA MATA E DONA DE CASA» LUTA E TRABALHO FEMININO NA AMAZÔNIA ACREANA

<https://doi.org/10.29327/210932.12.1-15>

Joely Coelho Santiago
Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e
Identidade, Acre - Brasil
joely.santiago@sou.ufac.br
<https://orcid.org/0000-0003-4648-8665>

Manoel Messias Feitosa Soares
Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Acre - Brasil
messiasfeitosaes@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1024-2455>

Fernando Simplicio dos Santos
Universidade Federal de Rondônia, Mestrado Acadêmico em Estudos Literários,
Rondônia – Brasil; Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em
Letras: Linguagem e Identidade, Acre – Brasil
fernandosimpliciosantos@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7853-5713>

RESUMO: Nas águas e florestas das Amazônias acreana (sobre)vivem mulheres que mantêm intensos intercâmbios e negociações de valores, conhecimentos no cuidado de Si e dos Outros. Dito isso, este estudo tem como objetivo analisar as representações sobre as mulheres, a partir da obra *Rios e Barrancos do Acre*, de Mário Maia e da história de vida de dona Raimunda Alves Feitosa, refletir sobre a constituição do trabalho das mulheres, suas atividades laborais, sociais e culturais nas cidades e na Floresta/Mata, categorizadas como ajudantes, companheiras, parteiras, prostitutas, objetos de prazer dos homens. Contudo, agentes ativas na construção memorialística, social e política da região. «Dona da Mata e dona de Casa». Neste momento com 92 anos de idade, mãe de doze filhos, a entrevistada nasceu e trabalhou em seringais da atual Mesorregião Vale do Juruá-Acre. História de vida que representa um legado de mulheres em diversas formas de trabalho em espaços dos seringais e nas cidades, entretanto invisibilizadas e silenciadas pela historiografia oficial, presentificado em livros, jornais, documentos históricos, do mesmo modo, em obras literárias de autoria masculina e feminina, como *Rios e Barrancos do Acre*, ao enfatizar as representações dessas mulheres de forma submissa ao poder masculino e em lugares de prostituição, bares onde provocam brigas e arruaças. Nessa perspectiva, este estudo é de caráter qualitativo, de cunho bibliográfico e trajetória de vida, e, portanto, dessa forma, as análises foram fundamentadas pelos estudos de Albuquerque (2016/2019); Benchimol (1999); Evaristo (2020); Foucault (2014); Wolff (1999), dentre outros autores/as.

PALAVRAS-CHAVE: Rios e Barrancos do Acre. Representação de mulheres. Cidade e seringal. Trabalhadoras e vítimas. Experiência social feminina.

THE REPRESENTATION OF WOMEN IN THE WORK “RIOS E BARRANCOS DO ACRE” AND THE LIFE STORY OF DONA RAIMUNDA ALVES: «DONA DA MATA AND DONA DE CASA» FIGHT AND FEMALE WORK IN THE ACREAN AMAZON

ABSTRACT: In the waters and forests of the Acre Amazons, women who maintain intense exchanges and negotiations of values, knowledge in the care of themselves and others live (or survive). That said, this study aims to analyze representations about women, based on the work *Rios e Barrancos do Acre*, by Mário Maia and the life story of Dona Raimunda Alves Feitosa, to



reflect on the constitution of women's work, their work, social and cultural activities, in cities and in the Fores, categorized as helpers, companions, midwives, prostitutes, objects of men's pleasure. However, agents are active in the memorialistic, social and political construction of the region. «Dona da Mata e Dona de casa»». Now 92 years old, mother of twelve children, the interviewee was born and worked on rubber plantations in the current Vale do Juruá-Acre Mesoregion. Life story that represents a legacy of women in different forms of work in rubber plantations and cities, however made invisible and silenced by official historiography, presented in books, newspapers, historical documents, as well as in literary works written by men and women, such as *Rios e Barrancos do Acre*, by emphasizing the representations of these women in a submissive way to male power and in places of prostitution, bars where they provoke fights and riots. From this perspective, this study is qualitative in nature, bibliographic and life trajectory, and therefore, in this way, the analyzes were based on studies by Albuquerque (2016/2019); Benchimol (1999); Evaristo (2020); Foucault (2014); Wolff (1999), among other authors.

KEYWORDS: Rivers and Barrancos of Acre. Representation of women. City and rubber plantation. Workers and victims. Female social experience.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar elementos que evidenciam representações de mulheres na Amazônia acreana, na obra literária *Rios e Barrancos do Acre* do autor Mário Maia. Ele nasceu em 15 de outubro de 1925; fez graduação em Medicina; trabalhou como cirurgião e anestesista; atuou, em Brasília, nos anos de 1962, em cargos políticos como assessor parlamentar do gabinete do Ministério da Saúde; foi deputado federal de 1963-1969, bem como senador pelo estado do Acre, no período de 1983-1991. Especificamente sobre seus escritos literários, além deste em tela, *Rios e Barrancos do Acre* (1968), o autor também é autor de *Sombras siderais e outras sombras* (1991). Mário Maia foi membro da Associação Nacional de Escritores e da Academia Acreana de Letras e, em 30 de julho do ano 2000, ele morreu devido a um infarto, durante uma visita à Enfermaria Infantil da Fundação Hospitalar do Acre¹.

Julgamos excepcionalmente oportuno apresentar a interrelação da narrativa de *Rios e Barrancos do Acre* do escritor acreano Mario Maia e a história familiar e pessoal de dona Raimunda Alves Feitosa, para que fiquem perceptível ao longo do estudo as similitudes vivenciadas pelas personagens na trama e a vida da entrevistada no espaço/tempo da realidade dos seringais, colocações de seringas e cidades do Região do Juruá. Ao estudarmos a obra em tela e ouvirmos os relatos de experiências através de conversas informais e da entrevista, destinada a compor este estudo, julgamos haver uma correlação das experiências das mulheres da trama com os fragmentos de memória da entrevistada, na realidade parte significativa da obra é tecida no espaço/tempo que dona Raimunda Alves Feitosa nasceu, era início do ano de 1932, as margens do rio Tarauacá no seringal Goiás, colocação Formoso.

Nesse sentido, assim como muitas das mulheres atendidas pelo doutor Mário Maia/Melinho, na trama do romance e na vida real, a entrevistada assim como seus filhos e parentes, foram por algumas ocasiões atendidas(os) e medicadas(os), por este profissional da área da saúde, no mesmo período dos eventos do romance, no hospital Dr. Sansão Gomes, na avenida Avelino Leal, na cidade de Tarauacá. Assim como alguns personagens

1 Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2000/08/01/profundo-pesar-pela-morte-do-ex-senador-mario-maia>
Acessado: 02 abr. 2024.

do romance, dona Raimunda Alves Feitosa casou muito nova, no momento histórico que é representado na história de Maia. Nesse momento, ela já era mãe de 11 filhos, dos quais dois já haviam falecidos ainda criança; ela também já estava com o seu segundo marido, por ser viúva do primeiro, devido a este ter falecido em decorrência de um acidente fatal com sua própria espingarda. Esta mulher, ao longa do período que viveu nos seringais, foi filha, irmã, sobrinha, amiga, esposa, mãe, parteira, cuidadora de si e dos outros, ajudou seus familiares e esposo, nos roçados, no corte e coleta do leite das seringueiras, caçou, pescou, cuidou da casa e dos filhos, coletou cavacos e cocos para a defumação do látex nas fornalhas, assim como contribuiu para os saberes e valores culturais e sociais do grupo social que estava inserida. Consideramos importante expressarmos o porquê do uso da palavra/conceito «Si» e «Outro», grafada de forma maiúscula. Aqui, isso ocorre para desvelar a consciência de Si/Outro, aceitando-se enquanto sujeito(a) social, inserido em um espaço/tempo cultural e social, interagindo de forma positiva e congruente com as circunstâncias, cuidando e sendo cuidado(a), de forma incondicional, como fazem os médicos e as parteiras.

Nessa perspectiva, além da obra de Mário Maia, também serão analisadas narrativas orais de vida de Raimunda Alves Feitosa, entrevista concedida a Joely Coelho Santiago, em 28 de abril de 2024, como ela mesma se descreve, sou “dona da Mata e dona de Casa”. Raimunda Alves Feitosa tem 92 anos de idade. Uma mulher que nasceu e trabalhou em seringais da bacia do rio Juruá-Acre. Em dias atuais, é residente na capital Rio Branco-AC. Ela é filha de pai cearense, que veio para a região, junto com o grupo de imigrantes que vieram da atual região Nordeste e de mãe acreana, que vieram para a região a fim de trabalharem na fabricação da borracha, na época, vista como uma excelente oportunidade para o trabalho e moradia. A inserção de homens e mulheres do Ceará, para as terras dos seringais do estado do Acre, configurava-se como uma grande oportunidade de ocupação e exploração das riquezas extrativistas que interessava ao comércio e a indústria nacional e estrangeira. Desse modo, podemos considerar que as terras do Acre, no seu primeiro momento, foram ocupadas por trabalhadores de outras partes da Amazônia, a exemplo de «[...] Manoel Urbano da Encarnação, da cidadezinha de Cametá, desbravando os rios Purus e Juruá, até seus altos cursos.» (Maia, 1968, p. 11). Considerando as informações do autor, os cearenses estão inseridos no contexto seguinte desse processo de ocupação e povoamento. Nesse sentido, o romancista nos assevera «[...] a ocupação e o povoamento dos rios, e barrancos dessas paragens ocidentais, se fazem mercê dos bravos nordestinos, destacando-se entre eles, como contingente mais denso, os cearenses» (Maia, 1968, p. 12). Corroborando essas assertivas, Souza (2016), destaca que,

[...] tal como ocorreu com as invasões europeias às terras ameríndias a partir do século XVI, as ocupações da região do território então consideradas *tierras non descubiertas* (atual Amazônia acreana) constituem o início do legado processo de sua “civilização” e saída do “estado da natureza” em que se encontrava. Representou a instituição da condição colonial tanto daqueles que lá viviam e seus territórios, os indígenas, quanto daqueles exportados para lá, os transportados

do Nordeste, em regimes quase idênticos de colonialidade, elevados ao grau de seres diferenciados pela característica de inferioridade naturalizada. [...] (Souza, 2016, p. 253).

Sendo assim, a região do Acre passou a vivenciar uma intensa migração de pessoas oriundas do Ceará e de outras cidades do atual Nordeste, para se instalarem com suas famílias e/ou apenas trabalhares na produção da borracha e coleta de outras riquezas minerais, da fauna e flora da região Norte. Nesses *lócus* de estudo, as terras e riquezas acreanas, que segundo a entrevistada por nós, «Mandaram os arigó tudo pra cá. Uma turma de Arigó pra cortar seringa. Os arigó vinha de todo canto. Era do Ceará, Paraíba, Bahia, Pernambuco, Maranhão. Disque é porque era muito, né. Arigó é um pássaro que voa de muito. E quando os arigó vinha pra cá, vinha de muito. Aí botaram esses apelido» (Feitosa, 28/04/2024). Na narrativa anterior, expresso na fala da narradora, ela enfatiza a respeito do fluxo migratório de nordestinos para o Acre. Esses trabalhadores – que estão contidos nessa fala – são os que foram enviados para trabalharem na produção da borracha na década de 40 do século XX. Aqui, percebemos a influência do cumprimento dos acordos de Washington firmado entre o governo brasileiro e norte americano, no esforço guerra dos aliados contra os principais países que formavam o eixo, Alemanha, Itália, Japão e outro aliados.

Esses imigrantes vieram para a região amazônica na condição de «Soldados da Borracha», mas também ficaram conhecidos, por “arigós”, um tipo de ave que voa em bando de forma migratória na procura de novos locais para sobreviver. Assim como, «brabos» por não terem as habilidades necessárias para o trabalho da produção da borracha. Fica evidente no fragmento a seguir: «[...] foram transportados milhares de nordestinos, os chamados “soldados da borracha”, para os seringais, abrindo-se novas estradas e seringais ainda não explorados [...]» (Wolff, 1998, p. 139). Dito isso, para atingir o objetivo proposto, foram utilizadas ferramentas teórico-metodológicas para análise e discussão dos dados, a partir das reflexões de: Foucault (2014), Souza (2016), Gerson Albuquerque (2016), Wolff (1998), dentre outros.

Nessa perspectiva, os resultados evidenciam um certo silenciamento somado à desvalorização da presença feminina nos espaços de seringais e das cidades, especificamente na obra “*Rios e Barrancos do Acre*”, de Mário Maia, mostrando-as desenvolvendo diversos tipos de trabalho, como na produção da borracha, nas lidas dos roçados, em atividades domésticas, assim como nas atividades de «vida fácil» nos meretrícios urbanos, como o «Papouco», na cidade de Rio Branco. Consideramos que muitas narrativas históricas e literárias, representam as mulheres que habitam a região acreana como seres passivos e submissas ao contingente masculino, mas como podemos perceber a seguir:

[...] Se o seringueiro tivesse mulher e/ou filhos(as), uma parte deste trabalho poderia ser realizado por eles, principalmente a coleta de cocos ou o corte de cavacos para produzir a fumaça, a colheita do leite e a defumação, ficando o trabalho do corte preferencialmente para o homem ou algum filho já crescido (Wolff, 1998, p. 67).

Como podemos perceber no fragmento acima, as mulheres e crianças eram participantes assíduos(as), do processo de produção da borracha, nos seringais do Acre. «[...] Sublimava toda sua frustração no trabalho. «Era um homem », no labor da seringa. Do corte à defumação, fazia tudo. E desde quando o velho pai descera o rio mordido de cobra, ele passou em verdade, a ser o «homem da casa» (Maia, 1968, 51). Mas também, neste mesmo contexto social, temos representações dessas mulheres que se entregavam aos «prazeres» à margem do que era normatizado pelas elites locais e nacionais, como papel a ser desempenhados pelas mulheres de respeito, no interior dos grupos sociais considerados civilizados e higienizados. Haja vista, o exposto acima e a fala de entrevistada Feitosa, são interessantes para vislumbrarmos esses espaços masculinizados onde a presença feminina se fez presente:»[...] na elite dos seringais e da cidade de Cruzeiro do Sul estes modelos até se faziam presentes, conformando muitas das relações, e fazendo das mulheres “ornamentos” [...]» (Wolff, 1998, p. 228).

Mas segundo a mesma autora, pode perceber no processo investigativo de sua pesquisa, que «as mulheres também agiam com violência umas com as outras em diversas ocasiões, especialmente em função de boatos espalhados por uma a respeito de outra. [...]» (Wolff, 1998, p. 249). Nesse sentido, a autora nos convida a refletir sobre outras possibilidades de relações que essas mulheres representadas como submissas e objeto de disputas amorosas e até tratadas como mercadorias, eram também donas de “Si”, escolhendo em muitas ocasiões as rédeas de seus destinos.

Como podemos perceber, muitas dessas mulheres e jovens eram vítimas e vitimadas pelo contexto social e históricos em que viveram, mas como podemos constatar na trama do romance, assim também acontecia na vida real de muitas mulheres, que participavam ativamente das atividades laborais ainda na casa dos pais e principalmente quando formavam suas famílias. Como podemos inferir através do fragmento do relato da entrevistada:

Roçava estrada. Limpava. Arrumava a estrada pra cortar. Ia picando. O mateiro com o cara pra picar a estrada. O mateiro deixava você aqui e vai atrás de outra. Se chama picar estrada. Lá, ele deixa você lá de novo e se muda pra outro canto. Às vezes, acha muita madeira, e às vezes num acha. Mulher era seringueira. Mulher era mateira. Mulher fazia tudo. Tinha mais homem do que mulher (Feitosa, 28/04/2024).

Não obstante, com base na narrativa anterior, em contraponto ao que está narrado sobre mulheres em *Rios e Barrancos do Acre*, há mulheres que realizaram trabalhos diversos como a fabricação de borracha, caça, pesca, coleta de castanha, broca e plantio nos roçados, além de atuarem em outras funções na Mata como “mateiras” – essa era uma atividade realizada por um profissional especialista, funcionário do barracão, ele era responsável pela abertura de novas estradas de seringas. Então, essa atividade consistia em localizar as seringueiras no interior da floresta, de tal forma que essas seringueiras dispersas na floresta formassem um círculo, mesmos que de forma irregular essa circunferência deveria fechar em algum ponto, formando o que ficou conhecido como estrada

de seringa, aquelas estradas que tinham início próximo dos barracos onde moravam os seringueiros e suas famílias. Eram/são, chamadas de estradas de «boca». E as estradas que tinham o início do círculo distante dos tapiris/moradia, eram chamadas de estradas de «centro». Considerando que em muitos barracões, não tinham mateiros, esse serviço era realizado pelo próprio seringueiro e sua esposa ou companheira e filhos.

Um seringal era, assim, uma comunidade humana, econômica e social de trabalho, que envolvia múltiplas funções e abrangia um grande universo de seringueiros, mateiros, comboieiros, capatazes, roceiros, fiéis de depósitos, auxiliares de escrita, guarda-livros, todos eles personagens e atores, a viver nas terras de seringa e castanha. Era preciso, também, fazer roçados para suprir de milho os burros e cultivar alguns gêneros alimentícios para diminuir os custos de alimentação do barracão e do tapiri; tratar bem das árvores para evitar a sua depredação como o sistema do arrocho e do *mutá*, observando com zelo e uniformidade no corte, sem *baterias* e nem *caga-fogo* (Benchimol, 2009, p. 161).

Essa atividade exigia um amplo e profundo conhecimento do ambiente de terra firme, o sentido dos fluxos das águas dos igarapés, assim como a orientação pelo posicionamento do sol, o mateiro era a pessoa que realizava a função de formar novas estradas de seringas, assim como, acontecia de muitas mulheres realizar essas atividades com seus maridos, para tal atividade era preciso ter um amplo conhecimento do espaço e da hidrografia em que a colocação de seringa se localizava. E, de acordo com a entrevistada, ela morou em muitos seringais e colocações de seringas, mas o lugar onde ela morou que “tinha muita onça. O lugar que tinha mais onça era no Gregório” (Feitosa, 28/04/2024). Esses locais eram muito perigosos para executar esse trabalho, pois ela ficava sozinha próxima a madeira, enquanto o companheiro seguia a procura de outras seringueiras, para formar a estrada. Para além disso, observamos que algumas representações sobre mulheres em *Rios e Barrancos do Acre* também foram construídas em torno de situações de visagem e de assombração e trabalhos domesticados como nas tábuas de lavar roupas, sendo que, nos espaços urbanizados, algumas delas foram retratadas como corpos que “nutriam os meretrícios da “Seis de Agosto, do “Beco do Mijo” e do “Papouco” (Maia, 1968, p.57).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presença das mulheres em espaços masculinizados, neste caso o de trabalho em colocações de seringa na obra literária *Rios e Barrancos do Acre* do autor acreano Mário Maia (1968), mostra a quão silenciadas suas práticas foram e, ainda, são. Nos varadouros, nos rios, nos igarapés, nas colocações de seringa, a mulher trabalhou tanto quanto os homens. Contudo, excluídas e silenciadas ou/e, quando vistas, tidas como “a Raimunda do Anigio e a Zuzu do Macário” (Maia, 1968, p. 40). Em outras palavras, como se fossem apêndices dos homens. Dessa forma, relatos de experiências como a apresentada neste estudo, na fala de (Feitosa, 28/04/2024), justificam-se por demonstrar através do seu relato oral, evocando os fragmentos de memória dos momentos vividos nas diversas etapas

que envolvem a fabricação da borracha, e da participação e contribuição para os valores culturais da sociedade, desvelando aspectos importantes sobre a contribuição do trabalho feminino, dado nesses contextos em que as figuras dos homens aparecem em destaque, ainda que elas (as mulheres) em algumas situações fossem as principais responsáveis pelo sustento e o cuidado da família. Uma dupla rotina de trabalho, pois realizavam trabalhos domesticados e os masculinizados. Sobre esses aspectos a entrevistada assevera:

Eu tirava leite, cruzava o rio sozinha. O terçado eu não soltava da mão. Eu descia e vinha por dentro do rio. Eu tenho saudade daquele tempo. Eu era uma pessoa feroz. Eu tinha garra de trabalhar! Nunca roubei, nunca pedi e nunca pedi emprestado. Eu fiquei viúva, a primeira vez, eu trabalhei, trabalhei, trabalhei. Tocava roçado sozinha. Eu e Deus. Eu nunca tive inveja de homem. No cabo da enxada, eu desafiava os home. Plantava tabaco. Trabalhava dos dois lados. Eu era dona de Casa e dona da Mata. Cuidava dos filhos. Nunca deixei nenhum sofrer. Sofri junto com eles. Eu cuidava das minhas coisas. Minhas roupas todas lavadas. Era eu que fazia. Era Deus que me dava aquela força. E na Mata, eu não tinha medo de nada não. Eu andava sozinha, pegava o machado, o terçado e me mandava pra tirar açaí, patoá. Tinha muita onça. Depois eu casei de novo. Quando meu marido chegava, estava tudo pronto. Quando meu marido saía, não tinha nada pra comer. Eu pegava o cachorro e me mandava. Pegava saco de peixe, tratava. E quando ele chegava estava pronto (Feitosa, 28/04/2024).

De acordo com Raimunda Alves Feitosa (2024), é importante considerar que o trabalho sempre se fez presente no cotidiano das mulheres, principalmente daquelas que se tornavam mães, cuja educação dos filhos era atribuída quase que exclusivamente a elas: “eu andava sozinha, pegava o machado, o terçado e me mandava pra tirar açaí, patoá”. “Eu fiquei viúva, a primeira vez, eu trabalhei, trabalhe, trabalhei” (Feitosa, 28/04/2024). Nesse sentido, consideramos, [...] A memória por sua vez, como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram a temporalidade de suas vidas. (DELGAGO, 2003, p. 16). A personagem da entrevista explica que depois de ficar viúva, precisou trabalhar para adquirir seu sustento e dos seus filhos, até conhecer o novo esposo, com quem viveu por mais de vinte anos, dessa união nasceram mais quatro filhos, todos nascidos nas colocações dos seringais por onde viveu e trabalhou.

Não obstante, a descrição de um cotidiano em que as mulheres eram responsáveis por várias atividades, considerando especificamente a família da entrevistada, quando ela explica a forma como algumas mães organizavam essas tarefas, tidas como domésticas, para lidar na agricultura de subsistência, na Mata e no cuidado dos filhos, segundo ela, em certos momentos “meu marido saía, não tinha nada pra comer” (Feitosa, 28/04/2024). Percebemos, na sua fala, que mesmo estando com o esposo e os filhos e meeiros, muitas vezes, era ela a responsável por colocar a mistura na mesa, considera-se mistura na fala da entrevista, a carne, o peixe, legumes e algumas frutas coletadas no floresta, “eu pegava o cachorro e me mandava [...]. E quando ele chegava estava tudo pronto” (Feitosa, 28/04/2024), ele do qual a entrevistada se refere é o esposo, o filho ou meeiro, o masculino que trabalhavam na produção da borracha.

Dessa forma, é importante refletir sobre o processo de homogeneização pelo qual as Amazônias foram e em certo sentido ainda são narradas/imaginadas/inventadas e, portanto, um intenso trabalho de silenciamento e marginalização, no qual vem provocando as ausências dos atores sociais em documentos históricos e literários, o que tem e vem contribuindo para a invisibilização dos diversificados modos de vidas nos espaços da região em estudo. De acordo com o exposto no fragmento, a seguir citamos os efeitos causados a partir de:

Um conjunto de narrativas formulado – desde epistemologias coloniais – sobre as gentes, culturas, línguas, sociedades, valores, crenças, fazeres ou práticas culturais em distintos territórios, produzindo espacialidades e temporalidades para designar uma macro-região (um conjunto de universos) que convencionamos (re)significar com a terminologia Amazônias (Albuquerque, 2016, p. 79).

Esse controle e, de certa forma, essencialização de identidades na Amazônia acreana têm contribuído para perpetuar o processo de ocultamento/apagamento de formas de vida diferentes e diversas nas formas de ser e de se relacionar com a natureza e grupalmente, justamente porque (des)serviços liderados por “descobridores”, colonizados, viajantes e missionários, e, sobretudo, a historiografia local, por exemplo, não levaram em consideração as especificidades existentes na região tida como: “misteriosa, edênica, maravilhosa, impiedosa, selvagem, mítica, distante, desértica, vazia, entre outras” (Albuquerque, 2016, p. 81). Ainda de acordo com o autor citado anteriormente, podemos inferir que as representações são grafadas por escribas de diferentes áreas do conhecimento humano.

[...] dentre as palavras-conceitos emoldura na Amazônia(s), “a noção de “vazio”, que se constitui como um dos mais poderosos mitos de justificativa para toda a sorte de violências físicas e simbólicas no processo de expansão da economia, política, religiosidade, organização social, das artes e línguas europeias para essa parte dos mundos não-europeus. Mundo esses visualizados/tratados como vazios, não de mulheres e homens, e sim de humanidades e culturas, de capacidade de pensar e raciocinar [...] (Albuquerque, 2016, p. 82).

No âmago desses escritos, estão sempre representados a ausência de “humanidades e culturas” como nos assevera (Albuquerque, 2016, p. 82) que precisou do europeu para trazer o trabalho, por meio da vigilância, do controle e da punição de corpos dentro de uma ordem estabelecida no interior dos seringais e espaços de trabalho, assim como uma Amazônia(s) marginalizada, inexistente, em que o ser social foi/é visto como submisso e sujeito para o controle político, para o trabalho escravizado e para fins carnais de desejos do corpo. Aqui, é importante citar Foucault (2014), ao afirmar que:

[...] não se deveria dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas afirmar que ela existe, que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em torno, na superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos – de uma maneira mais geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os esco-

lares, os colonizados, sobre os quais são fixados a um aparelho de produção e controlados durante a existência [...] (Foucault, 2014, p. 32).

Logo, compreende-se o processo de silenciamento como uma tentativa de genocídio, um epistemicídio de “humanidades e culturas” (Albuquerque, 2016, p. 82); uma forma de controle e mecanismo de poder para a neutralização e a homogeneização da capacidade de pensar e de existir na Amazônia Acreana, bem como um salvacionismo regido pelo poder da ideologia cristã para governar certas populações, a partir de formas de trabalho específicas, escravizadas, aquelas constituídas nos seringais, sob uma rígida distinção de cargos e hierarquias, em um regime de escala a fim de movimentar o mercado da indústria global. Sobre essa estrutura, Souza (2016) elabora um específico conceito, segundo o qual «o seringalismo é o que dá origem à condição colonial dos povos da floresta» (Souza, 2016, p. 153). Nesse sentido, o autor afirma,

Pelo seringalismo, aquela diferenciação hierárquica ontológica passa a se expressar institucionalmente acrescido de dois novos sujeitos: do lado inferior, o migrante nordestino e também o indígena, ambos “amansados”, que passam a portar a identidade socioeconômica de seringueiros-fregueses e, de outro, no lado do domínio, o seringalista-patrão que age pautado e guarnecido pela cadeia mercantil/industrial/financeira vertical que constitui o sistema de aviamento – este como sua expressão institucional – que liga aqueles sujeitos às estruturas sociais vinculadas à exploração capitalística das sociedades local, nacional, regional e mundial, a maquinaria do controle do trabalho, que vai compulsoriamente tornar o nordestino migrante e o indígena “amansados” [...] (Souza, 2016, p. 257).

Sobre esse aspecto, há um diálogo com Albuquerque, que assevera que essas representações denotam o vazio, o ausente, o distante, o quente, o desértico e o escaldante,

[...] São signos poderosos, repetidos e atualizados insistentemente a partir da fala de pessoas/instituições de ciência, de poder, de fé, tecendo “realidades” ou “verdade verdadeiras”, sentidos, significados que devem ser tomados de maneira cristalizada, como se não brotassem das práticas culturais, como se não fossem historicamente determinados [...] (Albuquerque, 2016, p. 84).

Corpos determinados, punidos e vigiados para abrir/limpar varadouros que davam acesso às colocações de seringa, em que muitos constituíam uma: “relação direta aos seringalistas proprietários e, indireta, a todo o sistema de exploração – escravos da dívida inevitável e inerente à relação de trabalho instituída/imposta que se consubstancia em caráter servil naturalizado” (Souza, 2016, p. 257-258) para, principalmente, fomentar uma estrutura econômica, no caso dos homens, e, no caso das meninas-mulheres, corpos explorados, desejados, para os prazeres sexuais, como fica demonstrado no fragmento a seguir:

Daninha estava em seus quatorze anos. Despontavam de seu corpo infantil a pujança da puberdade com todo vigor da transformação fisiológica que faz da menina, moça. O corpinho esbelto, a cada dia que passava ia se delineando em caprichosas sinuosidades na transformação biológica da mulher. Sob um tron-

co erecto e robusto alargavam-se os ossos da bacia em franco desenvolvimento prometendo-lhe ancas largas e partos felizes. Sob essa conformação anatômica em desabrocho repousava a alma juvenil e inocente de quem nasce e cresce no seio da floresta amazônica. Sem que o percebesse, já despertava interesse nos homens o seu cheiro de mulher (Maia, 1968, p. 43-44).

Nessa perspectiva, um corpo ainda em transição, um corpo infantil, quando o narrador da obra Mário Maia menciona “caprichosas sinuosidades na transformação biológica da mulher” (Maia, 1968, p. 43). Portanto, corpos bonitos e admirados, vigiado, promessa de uma futura progenitora feliz, ou seja, mais filhos, mais trabalho, mais lucro econômico. Em contrapartida, observam-se estratégias de resistências contra o sistema mercantilista, nos espaços da Mata onde os grupos de trabalhadores realizavam engenhosas habilidades contra o sistema – conforme destacamos no relato de Feitosa:

Tinha gente que fazia porqueira na borracha pra crescer a borracha de repente. Botava até areia dentro do leite pra pesar, mas a nossa borracha era limpa, limpa. Toda defumadinha, nem sarnambi ninguém colocava. Tinha gente que botava sarnambi na borracha. O sarnambi é do leite, fica na seringa escorrendo e vai coalhando em baixo. Tem gente que fazia até um buraco no pé da madeira pro leite ficar lá. Sarnambi, a gente vendia separado. Mas gente que fazia porqueira, botava dentro da borracha. Colocava até coró de bicho dentro. Tirava aquela capa bonita de cima e colocava. Fazia até de cem quilos uma borracha. Descobriam lá na refinaria, em Manaus. Lá que ia ser tudo descontado. Aí que ia ver coró de bicho, sarnambi, areia. Não ficava nada. Mas meu pai não gostava de porqueira (Feitosa, 28/04/2024).

Desta forma, observa-se que alguns seringueiros adotavam medidas estratégicas para alterar o peso final da borracha, considerando que as famílias, geralmente, negociavam com o patrão aquilo que compravam a prazo, ou seja, principalmente, gêneros que não conseguiam produzir nos roçados como o sal de cozinha, fica perceptível que «A memória contém incomensuráveis potencialidades, destacando-se o fato de trazer consigo a forte marca dos elementos fundadores, além dos elos que conformam as identidades e as relações de poder. [...]» (DELGAGO, 2003, p. 18). Dessa forma, a entrevistada nos afirma, “tinha muita coisa que precisava comprar, né. Açúcar não comprava. Fariinha também não, porque plantava macaxeira. Comprava sal. Sabão, nós fazia, de coco. Comprava o que vestir, o que dormir. Comprava fiado pra pagar no final do mês com a borracha” (Feitosa, 28/04/2024).

PALAVRAS SOBRE O AUTOR E A OBRA

A obra *Rios e Barrancos do Acre*, do autor Mário Maia (1968), 2ª Edição, classificada pelo próprio autor como um Romance, apresenta vinte e nove (29) subtítulos, nos quais os personagens, representados pela figura masculina nordestina, passam a sobreviver na Amazônia acreana em meados do século XIX. Apesar de tratar-se de um texto literário, a narrativa apresentada por Mário Maia expõe uma fonte rica para informações históricas e geográficas, além de dados sobre relações sociais e econômicas no processo de constituição

do estado e suas formas de controle social rumo “ao progresso e a civilização” dos povos nativos já existentes na área.

Rios e Barrancos do Acre, publicado em Niterói-RJ, nos anos 1968, mostra, ainda que de forma tímida, a presença de mulheres nos espaços de trabalho masculinizados. Na obra, é possível perceber que as mulheres estão representadas por uma naturalização de narrativas carregadas de estereótipos, misoginia e preconceitos, tais como: “sexto mês de gravidez sem marido, ainda no esplendor de suas 16 primaveras” (Maia, 1968, p. 120). Problematizando o excerto anterior, é possível interpretar que se trata de uma adolescente, 16 anos de idade, grávida com seis meses de gestação, uma futura mãe solo, que, possivelmente, engravidou com 15 anos de idade, período em que o pai da criança sequer é mencionado, pois sabemos que estava “sem marido”, situação que lhe proporcionava dificuldade na época, assim como na atualidade. Continua a narração da obra quando ressalta o lugar onde, comumente, as mulheres eram vistas em “quartos que eram alugados pelas “moças” para moradia permanente, onde recebiam seus homens e cobravam conforme as posses e os gastos” (Maia, 1968, p. 61).

O prefácio, de autoria do próprio autor, narra que “foram os nordestinos que povoaram, para a chamada civilização ocidental, essas paragens longínquas, habitando-as com suas mulheres e aumentando-lhes a cada ano a população com o nascimento prolífero de seus próprios filhos” (Maia, 1968, p. s/n). Nesta perspectiva, a obra abre alas para um lugar marcado como desértico e distante, desconsiderando populações originárias existentes. Adiante, *Rios e Barrancos do Acre* apresenta uma nota explicativa, na qual o autor titula como “Esclarecimento”, espaço reservado para contextualizar o público leitor que o livro foi produzido nos anos 1964, contudo ficara engavetado: “aguardando recursos e oportunidade para ser publicado” (Maia, 1968, s/p). Logo, uma tentativa de enfatizar certa dificuldade de publicar o livro, na época, ainda que o autor estivesse em cargo elitizado como médico, além de ocupar um cargo político.

Dessa forma, abre-se uma outra problemática, um adendo, em tempos atuais, pois ainda que seja legítimo o posicionamento de Maia, nos anos 1968, sobre a dificuldade financeira para publicação da obra, na atualidade esse fenômeno diz respeito ao baixo número de autoras que conseguem publicar seus textos, especificamente mulheres, e, no caso das mulheres negras e/ou indígenas, considerando o racismo estrutural das editoras e do mercado literário, esse dado é ainda mais alarmante. Contudo, observa-se que o mercado das editoras tem sido atualizado, pois: “o mercado livreiro descobriu que há um público negro que lê e que há um público, não somente negro, que lê autoria negra [...]. Acho que hoje, ou melhor, nos últimos anos, a sociedade brasileira está sendo menos hipócrita” (Evaristo, 2020, p. 45). A *Literatura de Escrivência*, da autora Conceição Evaristo (2020), nos ensina que a escrita de autoria negra, por exemplo, vai muito além de um “sujeito individualizado”, pois: “Escrivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre” (Evaristo, 2020, p. 38).

Mário Maia, também, ressalta em *Rios e Barrancos do Acre*, acerca de transformações ocorridas no espaço em justificativa dos processos de: “desbarrancamentos. Outros apresentam-se profundamente desfiguradas pelo tempo e pelo progresso. Muitas casas de madeira exterminaram-se e foram substituídas por edifícios de alvenaria, muitos dos vários andares até...” (Maia, 1968, s/p). Não obstante, uma região que precisou, segundo Maia (1968, p. s/n) de um salvador, um paternalista, nas palavras do autor: “uma legião de heróis: eram os milhares de nordestinos que há muito por essas bandas moravam e certos de que a terra era sua, repeliram com toda energia os pretensos intrusos internacionais”. Nessa passagem anterior, o autor faz referência à disputa da região com a Bolívia: “definitivamente reconhecida como pertencente mesmo ao Brasil, pelo Tratado de Petrópolis, de 17 de novembro de 1903” (Maia, 1968, p. s/n).

No que diz respeito à apresentação da obra *Rios e Barrancos do Acre*, ela ficou por conta do acreano Adalberto Sena, senador eleito, na época, para o 3º mandato. Sobre vida e obra do autor, Mário Maia, informações dão conta que ele nasceu em 15 de outubro de 1925, graduou-se em Medicina, onde atuou como cirurgião e anestesista; atuou, em Brasília, nos anos 1962, em cargos políticos como assessor parlamentar do gabinete do Ministério da Saúde, deputado federal e senador. Em 1969, Mário Maia teve seus direitos políticos cassados por dez anos, através do Ato Institucional nº5, voltando a participar da política através do Partido Democrático Brasileiro (PMDB), pelo qual foi eleito para o Senado, ano 1982². Nesta direção, uma passagem na qual o autor menciona certos lugares de Rio Branco-AC como um espaço procurado pelos homens para fins diversos, principalmente aqueles envoltos à sexualidade:

Lá em cima do barranco, na curva da rua que a acompanha o rio, destacava-lhe a silhueta do bairro, que recebeu o nome em virtude dos frequentes “papoucos” de arma de fogo nas célebres festas da Anália, as quais por isso mesmo e por outras, como brigas e arruaças, passaram a ser chamadas promocionalmente de “A Bagunça de Anália”, nome que as caracterizaram enquanto existiram, perdurando ainda hoje na recordação de quantos as conheceram e viveram-nas, como sinônimo de festa de raparigas naquele local. As festas, ou melhor, a Bagunça, tinha lugar às quintas-feiras, aos sábados e aos domingos (Maia, 1968, p. 63).

É interessante mencionar que Mário Maia recebeu como homenagem o nome de um logradouro localizado no bairro Rui Lino, Rio Branco-AC. Na citação anterior, é possível interpretar um fato histórico sobre um certo contexto hoje nomeado por Rio Branco, com determinados espaços onde parece ter se tornado comum. Segundo o autor, destaca-se o uso de armas de fogo, desorganizações e desentendimentos entre pessoas das “célebres festas da Anália” (Maia, 1968, p. 63). Um lugar onde foi naturalizada a presença de mulheres que sobreviviam nesses espaços, comumente, frequentado por homens que o procurava para consumir bebidas alcóolicas, em dias específicos como “quintas-feiras, aos sábados e aos domingos” (Maia, 1968, p. 63). Mulheres estereotipadas como raparigas do Papouco. Quem seriam essas mulheres? De onde migravam? Como

2 Disponível em: <https://anenet.com.br/mario-maia/> Acessado: 02 abr. 2024.

foram parar nesse espaço em específico? Na obra, Mário Maia dá pistas de alguns espaços onde as mulheres do/no Papouco teriam migrado: colocações de seringa, de famílias que saíam da Mata, sofreram algum tipo de abuso e migraram para os centros urbanos de Rio Branco, e, por isso, abrigaram-se em certas avenidas para o sustento próprio e o da família.

E as outras mulheres, quem eram? Quem foram? Obviamente, nem todas saíram da Mata, sofreram algum tipo de abuso e trabalharam na “Bagunça da Anália”, «As festas, ou melhor, a Bagunça, tinha lugar às quintas-feiras, aos sábados e os domingos» (Maia, 1968, p. 63). Entretanto, uma coisa parece ser comum: foram mulheres que sobreviveram como puderam, do jeito de dava e com os recursos que encontravam. Mulheres que trabalharam em vários espaços da Amazônia Acreana como nas etapas de fabricação da borracha, na beira do rio, na quebra de ouriços de castanhas, “nas tábuas de lavar”, no trabalho de partejamentos como parteiras: “ia mandar o enfermeiro ou mandar dizer que chamasse a parteira”, assim como, também, nas “festas da Anália” (Maia, 1968, p. 63).

Um espaço onde a classe social baixa, também, era uma condição comum vivenciada por mulheres que migravam da Mata para as periferias dos centros urbanos: “empregando-se recursos quase que exclusivamente locais: madeira roliça e palha de ouricuri, jaci ou jarina que servem para cobri-las e, às vezes, também, compor as paredes” (Maia, 1968, p. 126). No caso das mulheres grávidas, os escritos de Mário Maia, analisados neste estudo, especificamente no momento em que o narrador da obra afirma que: “a comadre Raimunda é quem “pega” as crianças e agora também o seu Adérico” (Maia, 1968, p. 127), e possível interpretar o processo do nascimento, antes um evento apenas entre mulheres experientes, hoje sendo feito por homens.

Em outras palavras, o parto realizado pela figura masculina e, posteriormente, nas salas dos hospitais, conseqüentemente um trabalho de mulheres parteiras que iniciara um processo de silenciamento e desvalorização, inclusive esperado por mulheres: “eu sou uma negra pobre e cheguei a pensar que o senhor não viria [...]. Não é costume por aqui doutor atender parto em casa” (Maia, 1968, p. 127). Uma ausência, podemos entender aquilo que se exigia e/ou era feito com paciência, no tempo “certo” para o nascimento feito pela parteira, que massageava a barriga da parturiente. Serviam-se chás e realizavam-se preparos específicos para auxiliar a mulher em trabalho de parto. Em contrapartida, dirá o narrador da obra de Mário Maia, numa passagem do Romance quando menciona um trabalho de parto feito por um médico recém-formado: “introduziu a mão na vagina da parturiente e verificou pelo tato haver no colo uterino uma grande dilaceração, além da ruptura do períneo que ia até quase o esfíncter anal” (Maia, 1968, p. 130).

Nesta perspectiva, podemos interpretar que tanto o progresso quanto a civilização são focalizados por um mundo “triste, solitário, desértico, incompleto, distante, selvagem, um mundo vazio de trabalho e modernidade, “descoberto”, obrigado as mulheres, ou melhor dizendo, as crianças e as adolescentes em alguma situações a se sujeitarem a abusos sexuais dos homens, sobretudo os seringalistas, os gerentes de seringais e, mais

adiante, aqueles que conseguiam “algum saldo”, quando o autor afirma: “dos encontros que continuou com o gerente, saiu grávida” (Maia, 1968, p. 56). Para João Maia (1968), um processo de troca e conquista quando ele ressalta que: “apenas ele lhe trazia sempre algum presente de agrado. Ela lhe dava, de presente, o seu corpo juvenil [...]. Sabonete, perfume, brinco, aquela boneca, uma porção de coisas” (Maia, 1968, p. 50-54), típico dos colonizadores no processo de conquista dos povos indígenas:

Maria das Mercês lavava roupa e tinha treze anos, quando foi deflorada pelo gerente do barracão que lhe deu em troca da primeira vez, um vidrinho de perfume barato e um par de brincos de alumínio dourado, imitando ouro, que cedo desbotou, voltando à sua brancura fosca. Noutras vezes era um “cortezinho” de chita, um brinquedo, uma caixinha de biscoitos e outras bugigangas de que era pródigo o armazém, em cada vez que, sozinha, Maria ia à fonte lavar roupa dos de casa e do “Seu” Fermiro, o rapaz gerente do Barracão, sobrinho do Coronel Dourado Farias (Maia, 1968, p. 44-45).

Uma época em que a “virgindade feminina” foi classificada como honra, considerando preceitos religiosos da religião cristã Católica difundida no Brasil sobretudo nas Amazônias. Dessa forma, o casamento, o batismo e a catequese passaram a ser seguidos pelos novos adeptos. Nesta perspectiva, o corpo da mulher apresentado em *Rios e Barrancos do Acre* para satisfazer desejos sexuais sem compromisso não seguia os preceitos religiosos e nem o normalizado pela elite local, mas era uma prática corriqueira na época: “o interessante é que nunca houve juras de amor ou troca de promessas de casamento futuro naqueles encontros” (Maia, 1968, p. 50).

Dos encontros na moita da Mata: “um lugarzinho adequado do outro lado do igarapé, por detrás de uma sapupemba de cumaru-ferro”, no “campo do barracão” (Maia, 1968, p. p. 47), era comum esses encontros dos trabalhadores com as mulheres e jovens, no barranco do rio, nos buritizais, Meninas-Marias foram atraídas com seus corpos prematuros, jovens, restando-lhes, em muitos casos, devido à exploração sexual precoce, uma gravidez na adolescência. Algumas mulheres, explorada e desejada sexualmente, grávida, recebia punição e culpa, quando o narrador da obra de Mário Maia afirma que: “apesar das péssimas condições da paciente, com o feto morto retido e macerado” (Maia, 1968, p. 56).

Dentre os escritos literários, além deste em tela, *Rios e Barrancos do Acre* (1968), vale ressaltar que o autor publicou também *Sombras siderais e outras sombras* (1991). Maia foi membro da Associação Nacional de Escritores e na Academia Acreana de Letras e, em 30 de julho do ano 2000, ele foi vítima de um infarto, durante uma visita à Enfermaria Infantil da Fundação Hospitalar do Acre³.

3 Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2000/08/01/profundo-pesar-pela-morte-do-ex-senador-mario-maia> Acesso: 02 abr. 2024.

DONA DA MATA E DONA DE CASA: MEMÓRIAS DE DONA RAIMUNDA ALVES FEITOSA

Raimunda Alves Feitosa é uma mulher amazônida, nascida em 1932, atualmente com 92 anos de idade. Nasceu no Seringal Goiás, colocação Formoso – Rio Tarauacá, no estado Acre. Seu pai, um nordestino de Cerragrande, no Ceará e, sua mãe, uma acreana que nasceu no seringal Cafezal – Rio Tarauacá, no estado Acre. Raimunda Alves Feitosa teve doze filhos de dois casamentos, sendo oito filhos do primeiro companheiro e quatro do segundo matrimônio, dos doze, quatro são falecidos atualmente. Reside em Rio Branco-AC há quarenta anos, onde inicialmente construiu moradia na Estrada do Barro Vermelho, atrás do Conjunto Universitário, próximo à antiga Colônia Penal. A entrevistada, assim como tantas mulheres que nasceram em seringais, trabalhou em várias colocações de seringa do Alto Juruá-AC, especificamente no Rio Gregório, Tarauacá onde se casou, construiu família e continuou trabalhando, como podemos perceber no fragmento de sua fala a seguir:

Eu tirava leite, cruzava o rio sozinha. O terçado eu não soltava da mão. Eu descia e vinha por dentro do rio. Eu tenho saudade daquele tempo. Eu era uma pessoa feroz. Eu tinha garra de trabalhar. Nunca roubei, nunca pedi e nunca pedi emprestado. Eu fiquei viúva, a primeira vez, eu trabalhei, trabalhei, trabalhei. Tocava roçado sozinha. Eu e Deus. Eu nunca tive inveja de homem. No cabo da enxada, eu desafiava os home. Plantava tabaco. Trabalhava dos dois lados. Eu era dona de Casa e dona da Mata. Cuidava dos filhos. Nunca deixei nenhum sofrer. Sofri junto com eles. Eu cuidava das minhas coisas. Minhas roupas todas lavadas. Era eu que fazia. Era Deus que me dava aquela força. E na Mata, eu não tinha medo de nada não. Eu andava sozinha, pegava o machado, o terçado e me mandava pra tirar açai, patoá. Tinha muita onça. Quando meu marido chegava, estava tudo pronto. Quando meu marido saía, não tinha nada pra comer. Eu pegava o cachorro e me mandava. Pegava saco de peixe, tratava. E quando ele chegava estava pronto. (Feitosa, 28/04/2024).

No fragmento acima, leva-nos a interpretar que as mulheres aprendiam a caçar no cotidiano com os mais velhos da família, geralmente com o pai, irmão ou companheiro/marido, em uma época em que era muito comum a presença de felinos na Mata, como onças, e, por isso, ela saía para buscar o alimento “com um terçado e um cachorro”. Animais desse porte, tidos como domésticos, eram utilizados nos espaços de caça, pois: “o cachorro acuava paca, tatu, o que ele encontrasse ele acuado. Era pra comer, pra sobreviver. Só morria de fome se não trabalhasse. Tinha muita fartura. A gente retalhava carne” (Feitosa, 28/04/2024).

O processo de retaliação da carne, citado por Raimunda, é um método ancestral, no qual a carne é fatiada, salgada e posta para secar no sol ou sob o calor do fogo. Para realização dessa engenhosa arte, é utilizado sal de cozinha. Sobre esse produto necessário para a manutenção das carnes, Raimunda menciona um dado histórico interessante vivenciado pelas famílias: “teve uma crise de sal tão grande! Nós morava no Gregório e o pessoal ia comprar sal no Ouro Preto. O patrão faliu. Aí, fazia borracha e colocava nas

costas e se mandava pra trocar as coisas no Ouro Preto, lá não faltava. Era Tarauacá” (Feitosa, 28/04/2024). Esse elemento é oportuno para enfatizarmos acerca de um dos produtos que não era possível produzir na roça de agricultura familiar: o sal. E, portanto, um alimento necessário para armazenamento da carne em uma época, em que não havia energia elétrica. As famílias trabalhavam para trocar suas produções no barracão do “patrão”, com produtos de necessidade básica, como mencionados pela contadora de histórias: “sal, roupas, tecidos”, já que:

Nós plantava era tudo. Era roça. Era arroz, feijão. Nesse tempo, eu era nova e eu queria fazer tudo. Eu botava armadilha. Caçava com cachorro pra pegar veado, porco. Tudo. Pescava toda a qualidade de peixe. Era bodó, era traíra, curimatã, puraqué, jacaré. Era muito remédio da Mata. Minha mãe curava só com remédio da Mata. Era arruda, mastruz, malvarisco, casca de pau. Remédio da Mata pra fazer lambedor. Tinha simpatia também. Não existia médico. Era rezador. Remédio da Mata, simpatia. Essas coisas. Eu aprendi a rezar. Rezava pra espinhela caída, vento caído. Tratava animal com a junta desmantelada. Naquela época, São Francisco das Chagas era o meu protetor. São Sebastião, nossa Senhora do Bom Parto. Eu era parteira, peguei trinta crianças no seringal. Nenhuma morreu na minha mão (Feitosa, 28/04/2024).

Nesta perspectiva, o leque de fragmentos de memórias da entrevistada nos possibilita compreender acerca dos alimentos que as famílias plantavam na roça como “arroz, feijão”. Esses e outros alimentos eram extraídos da Mata por meio de armadilhas, da caça e da pesca: “pescava toda qualidade de peixe”. Sobre as refeições das famílias, ela nos afirma que:

No café da manhã comia macaxeira, banana comprida. Fazia cuscuz de milho, fazia pé-de-moleque. No seringal, tinha mais coisa pra fazer do que aqui. Colocava macaxeira de molho e ia fazer aqueles bolo, farinha, tapioca. Agente passava melhor do que aqui. No almoço, era assado de anata, espinhaço de veado, porquinho, queixada, paca, tatu, cutia, nambu galinha, nambu azul, jacu. Na janta, se não quisesse a mesma coisa, tinha peixe. O igarapé tinha peixe! Era peixe pra todo lado, curimatã, traíra, surubim, caparari, jundiá, bodó, piaba chata, cacunda. Toda a qualidade de peixe. Era coisa grande assim. O Gregório tinha muito peixe (Feitosa, 28/04/2024).

Desta forma, é notória a diversidade de alimentos que iam para a mesa das famílias, ou seja, aquilo que semeavam e/ou plantavam e colhiam, aquilo que caçavam e pescavam e a própria variedade de frutas, legumes e, outros adquiridos a partir da transformação do alimento com a macaxeira, por exemplo, usada em “bolo, farinha, tapioca”, além de peixes encontrados no Rio Gregório quando Raimunda afirma: “curimatã, traíra, surubim, caparari, jundiá, bodó, piaba chata, cacunda” (Feitosa, 28/04/2024). São momentos e acontecimentos que podemos encontrar em narrativas históricas, literárias e também expressos em histórias de vida. Nesse direção, Delgado (2003) nos afirma, «Narrativa, sujeitos, memórias, histórias e identidades. São a humanidade em movimento. São olhares

que permeiam tempos heterogêneos. São a História em construção. São memórias que falam.» (Delgado, 2003, p. 23).

Não obstante, ressalta-se a função da arte para curar doenças e inquietações no corpo, a partir de “remédio da Mata”, para fazer chás e lambedores. Além disso, personagens ligados a religiosidades na arte de benzer e de rezar para “junta desmantelada”, “espinhela caída” e “vento caído” (Feitosa, 28/04/2024). Observa-se, também, o trabalho das mulheres auxiliando umas às outras a partir de atividades, na época, apenas ligadas ao universo feminino como o nascimento, o cuidado do resguardo, da criança recém-nascida, feito apenas por e entre gerações de mulheres. Narrativas como as de Raimunda, mostram a mulher em variados espaços da Mata, tidas como trabalho dos homens, apesar delas (as mulheres) conhecerem e participarem de todas as etapas:

A gente fazia uma fornalha de barro. Fazia um defumador. Fazia aquela grade que era pra botar o cavador pra defumar a borracha. Cilindrar a borracha. No primeiro dia era assim, defumava no cilindro. Aí no outro, já defumava no princípio da borracha, na fornalha. Defumava aquele leite todinho, 10, 20 latas de leite. No meu tempo, que nós cortava no seringal era da defumada. Não era prensada. E era especial, porque tinha gente que fazia porqueira na borracha pra crescer a borracha de repente. Botava até areia dentro do leite pra pesar, mas a nossa borracha era limpa, limpa. Toda defumadinha, nem sarnambi ninguém colocava. Tinha gente que botava sarnambi na borracha (Feitosa, 28/04/2024).

Consideramos oportuno ressaltar acerca das estratégias para burlar o peso da produção extrativista, no ato de acerto com o patrão. Os seringueiros adquiriam dívidas que seriam sanadas de forma mensal, a partir do que conseguiam produzir nas colocações de seringa. E, assim, realizavam formas estratégicas para que a borracha pesasse um pouco mais a partir de materiais acrescentados durante a produção, justamente porque os trabalhadores acrescentavam outros tipos de produtos durante esse trabalho:

Tinha gente que botava sarnambi na borracha. O sarnambi é do leite, fica na seringa escorrendo e vai coalhando em baixo. Tem gente que fazia até um buraco no pé da madeira pro leite ficar lá. Sarnambi, a gente vendia separado. Colocava até coro de bicho dentro. Tirava aquela capa bonita de cima e colocava. Fazia até de cem quilos uma borracha. Descobriam lá na refinaria, em Manaus. Lá que ia ser tudo descontado. Aí que ia ver, coro de bicho, sarnambi, areia. Não ficava nada (Feitosa, 28/04/2024).

A narrativa de dona Raimunda é oportuna para mostrar um lado que, raramente, encontramos na Literatura: estratégias de resistências de homens e mulheres seringueiros contra a medida de peso durante o ato de acerto (venda/troca) da borracha, a partir do momento que eles acrescentavam produtos no leite da seringueira como “coro de bicho, sarnambi, areia”, sabendo que isso resultaria em alguma alteração na balança, a seu favor. Portanto, muito do que é possível encontrar na Literatura diz respeito ao seringueiro narrado como um ser passivo, coitado, que aceitou regras de tabela de peso do comércio estabelecidas nas colocações de seringa, onde “comprava fiado pra pagar no final do mês com a borracha” (Feitosa, 28/04/2024). Além disso, é possível interpretar que essa

produção da borracha era enviada para fora da região, como casas aviadoras que ficavam em Manaus-AM, onde o patrão era apenas um agente intermediário nesse processo de compra e venda.

Observam-se, também, a partir das narrativas de Raimunda, as formas que as famílias encontravam para momentos de diversão e lazer, pois: “tinha muita festa. São João. São Pedro. Santo Antônio. São Francisco. São Sebastião. Tinha música, tocava violão, sanfona, pandeiro. A gente fazia caicúma. Tomava caicúma de banana. Tinha cachaça pura” (Feitosa, 28/04/2024). Portanto, consideramos importante que acontece a problematização e revisão de conceitos que têm contribuído para familiarizar e propagar a invisibilidade e a dizibilidades de novos atores sociais.

PALAVRAS PARA CONCLUIR...

Em *Rios e Barrancos do Acre*, do autor acreano Mário Maia (1968), foram evidenciados elementos constituidores da forma como homens e mulheres, sobretudo mulheres, eram vistas em espaços daquilo que, em dias atuais, é conhecido como Acre. A constituição de locais como Sena Madureira e Rio Branco (capital do Acre), os “relampejos” de civilização, trabalho e progresso levados pelo colonizador, a migração do homem e da mulher do Nordeste para o trabalho escravizado de trabalhadores dentro da Mata e, não obstante, a “sina” e a “saga” do nordestino, narrado na obra como “homem branco na selva” e/ou “coronéis de barranco”, “heróis” e “patrícios nordestinos”, vistos como “principais protagonistas naquele cenário verde e úmido” (Maia, 1968, p. 35) – todos esses elementos foram analisados aqui por nós.

Destacamos os papéis de mulheres, destinadas ao silenciamento, à submissão/exploração do corpo, às negociações e estratégias para sobrevivência e às narrativas de sua presença entendidas como “visage” no meio da mata”, personagens folclorizadas como caipora, personagens tuteladas como a “do Anigio”, a do “Macário” (Maia, 1968, p. 32), e, que, mesmo participando das etapas para produção da borracha, foram excluídas na História do trabalho na Mata.

Foram mantedoras, assim narradas, da vida noturna de bordeis, de bares, de festas e certos bairros como Seis de Agosto, Beco do Mijo e Papouco: “de circunstâncias, quase todas alheias às premeditações, quase ao acaso, foi aos poucos deixando de ser o anjo da selva, para na selva dos homens tornar-se uma rapariga do Papouco” (Maia, 1968, p. 58). Não obstante, frisou-se igualmente um epistemicídio do trabalho feminino dentro da Amazônia acreana, reduzidas em classificações estereotipadas e misóginas como raparigas, meretrizes, prostitutas, cafetinas: “simples, ignorante, não tinha a educação de gente civilizada da cidade, mas era mulher, e um ser humano, por mais humilde que seja” (Maia, 1968, p. 64). Pensamos também no papel exercido pela “mulher-da-vida”, cansada da noite noturna, como afirma (Maia, 1968, p. 65), sendo estas muitas vezes as mulheres que se dedicavam à vida no meretrício, que se envolviam com um seringueiro e retornavam para o seringal com seu novo parceiro, como nos afirma o narrador da obra

de Maia nesta passagem: «amigavam-se e lá iam para as matas, servir a um só homem exclusivamente. Disso, às vezes, resultava uma família normal, com o nascimento de vários filhos. Nestes casos, o Padre, nas desobrigas, regularizava a situação, pelo menos perante Deus, casando-as na Igreja e batizando os filhos.» (Maia, 1968, p. 65).

Desta forma, percebe-se o casamento como um tipo de controle político do corpo de homens e mulheres, principalmente mulheres, onde ele foi tido como salvação cristã para aquelas que não haviam feito matrimônio em épocas anteriores, a da juventude. Contudo, isso não quer dizer que a situação estava resolvida, pois, em muitos casos, ocorriam separações entre os casais, agressões domésticas, traições, abuso infantil e abandono do lar.

Nesta direção, como palavras finais para fechar este texto, diante do exposto, foram analisados e registrados elementos específicos sobre a forma como a mulher, especificamente, está representada na obra de Mário Maia, 2ª Edição, publicada no ano 1968, intitulada *Rios e Barrancos do Acre*. Com isso, tecemos um paralelo com um repertório de histórias orais de vida e de trabalho de Raimunda Alves Feitosa, nas quais ela evidencia a intensa participação das mulheres nos trabalhos da(na) Mata, ainda que ela mesma reproduza sua atuação de forma secundária, justamente porque as mulheres crescem (cresceram) ouvindo certas narrativas de que eram (são) apenas ajudantes dos trabalhadores, esposos, irmãos e filhos mais velhos. Fica evidente na fala da entrevistada e na obra em análise que as mulheres eram sujeitas atuantes em todas as atividades nos espaços dos seringais, desde as laborais assim como as culturais, as de natureza de cuidados da saúde de “Si” e dos “Outros”, estes sendo parentes ou apenas vizinhos de colocações, como era o caso das parturientes e dos neonatos, que eram cuidados(as), pelas vizinhas parteiras/aparadoras de afilhados. «Eu cuidava dos filhos. Onde ele cortava, eu colhia. Saía de madrugada. Caçava. Mariscava. Plantava. Eu colhia seringa, mas não cortava. A minha mão era muito pesada e aquilo tem que ser muito fino, né? Pra não ferir a madeira, porque o leite só é da casca» (Feitosa, 28/04/2024).

Interessante percebermos que mesmo que dona Raimunda não realizasse a primeira atividade da produção da borracha, que é cortar a seringueira para extrair o leite, ela estava totalmente envolvida na produção e realização das atividades familiares. “Ele cortava, Eu colhia. Saía de madrugada. Mariscava. Plantava. Eu colhia seringa, mas não cortava” (Feitosa, 28/04/2024). Percebe-se por essa fala que as mulheres estavam envolvidas em todas as funções e atividades: na Mata e em Casa, já que ela (dona Raimunda) estava acompanhando o marido na Mata, logo “saía de madrugada”, o que nos leva a entender que ela acordava mais cedo para realizar tarefas domésticas enquanto o marido ainda estava, supostamente, deitado. Outro dado importante é a habilidade exigida no corte da seringueira quando Raimunda diz que: “minha mão era muito pesada e aquilo tem que ser muito fino”.

Nesta perspectiva, Torres corrobora as nossas considerações (2009), no momento em que: “a perspectiva de ajuda é o corolário que se põe no tecido do trabalho das

mulheres, uma justificativa para o seu não reconhecimento, ancorada em estrutura de dominação patriarcal” (Torres, 2009, p. 126). Desta forma, assim como Raimunda e tantas outras mulheres foram tidas como ajudantes, companheiras que “auxiliaram” os pais, antes do matrimônio e após ele (casamento) continuaram “auxiliando” os maridos, como se fossem sombras da figura masculina. E, quando mencionadas, geralmente, em lugares de prostíbulos, bebidas alcoólicas e brigas, como em *Barrancos e Rios do Acre*, de Mário Maia (1968). E, enfim, isso nos leva a interpretar que durante muito tempo as produções femininas dentro da Mata foram silenciadas, soterradas e marginalizadas. Sem pretensões alguma para rotular anjos ou demônios, uma forma de revisitar o passado e problematizar e interrogar, especificamente narrativas e registros, sobre sujeitos racionalizados e colonizados, particularmente mulheres que, inclusive, ainda residem em espaços mencionados pelo autor como Papouco, Seis de Agosto e Beco do Mijo, excluídas da História “Oficial”, escrita por “grandes homens”.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues. **Amazonialismo**. In.: Uwakürü: dicionário analítico / Organizado por: Gerson Rodrigues de Albuquerque, Agenor Sarraf Pacheco. – Rio Branco: Nepan Editora, 2016.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. Manaus: Editora Valer / Editora da Universidade do Amazonas, 1999.
- Delgado, L. de A. N. (2009). História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, 6. <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62/54>. Acessado em: 15 de jan. 2024.
- EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs). *Escrevivência: a escrita de nós; reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. 42. Ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.
- MAIA, Mário. **Rios e Barrancos do Acre**. 2ª Ed. Niterói, 1968.
- SOUZA, João José Veras de. **Seringalismo**. Uwakürü: dicionário analítico / Organizado por: Gerson Rodrigues de Albuquerque, Agenor Sarraf Pacheco. – Rio Branco: Nepan Editora, 2016.
- TORRES, Iraíldes Caldas. **O trabalho das agricultoras da Amazônia: um olhar para os direitos humanos**. In: Revista Saberes da Amazônia: Ciências Jurídicas, Humanas e Sociais. Vol. 4. n.9 Julho-Dezembro, p. 115-132, 2019.
- WOLFF, Cristina Scheibe. **Marias, Franciscas e Raimundas: uma história das mulheres da floresta Alto Juruá, Acre 1870-1945**. Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

FONTE ORAL

- FEITOSA, Raimunda Alves. **Dona da Mata e dona de Casa**. Entrevista concedida a Joely Coelho Santiago. Rio Branco-AC, 28 de abril de 2024.